

## CICATRIZES

Minha irmã, mais velha, Cidinha, chegando da escola, entrou correndo em casa e gritando alto e rápido:

- *Manhê*, amanhã a professora vai nos levar ao “museu *dupiranga*”. A senhora precisa assinar um papel...

- Calma, menina, disse mamãe, fala mais baixo e devagar. Onde a professora irá levar vocês amanhã?

- No “museu *dupiranga*” e tem um papel..., repetiu Cidinha ainda afobada.

- Museu do Ipiranga, Cidinha, I-pi-ran-ga. Isso é muito legal. Você vai adorar. Quando eu era menina fui mais de uma vez lá. E, é claro, que assino a autorização.

E essa foi a primeira vez que eu, então com sete anos, ouvi falar no Museu do Ipiranga.

E, no dia seguinte, quando Cidinha voltou da escola, mamãe perguntou-lhe como tinha sido o passeio ao Museu do Ipiranga. E ela, rápido e alto, como sempre, despejou:

- “Bárbaro”, mãe, muito “bárbaro”. Tem cada coisa interessante de pessoas que já não existem mais. Sabe até o que eu vi? Uma carruagem que a moça lá do Museu disse que era do tempo de Dom Pedro. Já pensou? Do tempo de Dom Pedro... E o carro de bombeiros, então... Minha nossa, como conseguiam apagar fogo com aquilo... E as escadas branquinhas, cheias de curvas, parecem até um rio... e as estátuas... e os quadros... e os vestidos das mulheres, mãe!, tão compridos e tão cheios de rendas...

E Cidinha foi desfiando suas lembranças da visita ao Museu e tecendo um quadro que, na minha pequena cabeça parecia cada vez mais fantástico. Carruagens, carro de

bombeiros, roupas, figuras, monumentos, armas... Não resisti e, interrompendo aquela verdadeira ladainha, falei bem alto:

- Mãe! Eu também quero ir a esse museu!

Minha mãe, com aquele sorriso que vinha de fundo da alma, olhou-me e disse;

- Então iremos todos. Caso seu pai não tenha que trabalhar, iremos já no próximo domingo.

Meu pai era motorista de caminhão em uma empresa de entregas urbanas e, às vezes, tinha trabalho aos domingos em função de produtos perecíveis e urgentes.

Assim que papai entrou em casa, já quase noite, falei logo:

- Papai, vamos ao Museu domingo? A mamãe disse que podemos ir!

- Calma, meu filho. Podendo, iremos sim, mas a qual museu, pois existem vários!

(Mamãe e Cidinha aproximaram-se e ficaram observando a nossa conversa).

Não consegui lembrar o nome do museu e falei que era aquele que tinha carruagens, carros de bombeiro, e muito mais coisas velhas...

Piscando para minha mãe, papai riu e rindo comentou:

- Coisas velhas, não! Coisas antigas pelas quais podemos conhecer como era o mundo e a vida antes de nós. E pelo que você está dizendo só pode ser o Museu do Ipiranga...

-E esse mesmo, pai! A Cidinha foi lá hoje com a escola e voltou contando maravilhas.

Eu quero ir...

E, assim, já que papai teria folga no domingo, marcamos de ir ao Museu. Minha ansiedade teve que esperar ainda mais três dias. Mas, finalmente o domingo chegou, com sol e calor, e lá fomos nós ao encontro do meu desejo.

Papai era um homem com pouca instrução oficial, mas sabia muitas coisas, pois gostava muito de ler e possuía vários livros que sempre estava lendo. Dessa forma, no ônibus que nos levava ao Bairro do Ipiranga, explicou que o Museu tinha esse nome em função do Riacho Ipiranga que passava lá perto e, às margens do qual, Dom Pedro I, em 7 de setembro de 1822, proclamou a nossa independência, como, aliás cantamos no Hino Nacional. E, até meio emocionado, comentou que esse museu era, na verdade, um lugar da memória nacional.

E chegamos, e percorremos as várias alas do Museu, e vi as carruagens, o carro de bombeiro, os quadros, as vestimentas e tantas outras coisas, que poderiam ser antigas, mas que eram muito bonitas e fascinantes. E subi e desci as escadas tão brancas que, como Cidinha falou, pareciam um rio pelas curvas. E, olhando para lá e para cá, em uma das escadas tropecei, e cai, e bati o braço esquerdo com força na coluna do corrimão e fiz dois cortes profundos, que sangraram muito e muito doeram e muito chorei.

Em um Pronto Socorro fui medicado e levei 14 pontos, 7 em um corte e 9 no outro . E com isso, minha primeira visita ao Museu do Ipiranga ficou marcada em meu braço esquerdo.

E hoje, já adulto, levando agora meus filhos ao Museu do Ipiranga, sorrio muito satisfeito. Afinal, creio não existir mais ninguém no nosso Brasil que, como eu, pode orgulhar-se de ter no braço esquerdo, no lado do coração, cicatrizes do Museu do Ipiranga.